

A Escola Nacional Florestan Fernandes: território de resistência imaterial dos movimentos socioterritoriais

Rodrigo Simão Camacho

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.
e-mail: rodrigocamacho@ufgd.edu.br

Resumo

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância que tem a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) enquanto um território de resistência imaterial dos movimentos socioterritoriais, sobretudo, camponeses da América Latina. A pesquisa na ENFF foi desenvolvida a partir de observação-participante e entrevistas, por meio de um questionário semiestruturado, com coordenadores, lideranças de movimentos sociais e militantes-estudantes da escola no período das duas pesquisas de campo: julho de 2010 e 2011. A ENFF tem como principal objetivo a formação de consciência crítica visando a construção de uma sociedade com igualdade social e sustentabilidade ambiental. Está localizada no município de Guararema, SP. Foi construída em regime de mutirão com o trabalho voluntário de militantes de todo o país. Funciona em regime de autogestão mantida por militantes de movimentos sociais e pela Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes.

Palavras-chave: Escola Nacional Florestan Fernandes; movimentos socioterritoriais; resistência.

The Florestan Fernandes National School: territory of immaterial resistance of socio-territorial movements

Abstract

This article aims to reflect on the importance of the National School Florestan Fernandes (ENFF) as a territory of immaterial resistance of socio-territorial movements, especially peasants in Latin America. The research at ENFF was developed from participant observation and interviews, through a semi-structured questionnaire, with coordinators, leaders of social movements and school militants-students in the period of the two field surveys: July 2010 and 2011. The ENFF Its main objective is the formation of critical awareness aiming at building a society with social equality and environmental sustainability. It is located in the municipality of Guararema, SP. It was built in a joint effort with the voluntary work of militants from all over the country. It operates under a self-management regime maintained by social movement activists and by the Association of Friends of the Florestan Fernandes National School.

Keywords: National School Florestan Fernandes; socio-territorial movements; resistance.

La Escuela Nacional Florestan Fernandes: territorio de resistencia imaterial de los movimientos socio-territoriales

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la Escuela Nacional Florestan Fernandes (ENFF) como territorio de resistencia imaterial de los movimientos socio-territoriales, especialmente de los campesinos en América Latina. La investigación en ENFF se desarrolló a partir de la observación y las entrevistas de los participantes, a través

de un cuestionario semiestructurado, con coordinadores, líderes de movimientos sociales y militantes escolares-estudiantes en el período de las dos encuestas de campo: julio de 2010 y 2011. A ENFF Su objetivo principal es la formación de conciencia crítica con el objetivo de construir una sociedad con igualdad social y sostenibilidad ambiental. Se encuentra ubicado en el municipio de Guararema, SP. Fue construido en un esfuerzo conjunto con el trabajo voluntario de militantes de todo el país. Opera bajo un régimen de autogestión mantenido por militantes de movimientos sociales y por la Asociación de Amigos de la Escuela Nacional Florestan Fernandes.

Palabras-clave: Escuela Nacional Florestan Fernandes; movimientos socioterritoriales; resistencia.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância que tem a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) enquanto um *território imaterial*¹ de resistência dos *movimentos socioterritoriais*², sobretudo, camponeses da América Latina.

Devido ao caráter político-ideológico do conhecimento acumulado historicamente pela humanidade, este está sempre disputando a hegemonia da produção/reprodução do conhecimento científico e a sua materialização na realidade, por isso, estes saberes podem ser denominados de territórios imateriais.

As intensificações da preocupação com a formação na atualidade, por parte dos movimentos socioterritoriais, demonstram a importância que tem as *disputas dos territórios imateriais* – as disputas das ideias - entre as classes subalternas e o capital. Produzir e defender ideias são imprescindíveis para orientar uma ação política de ruptura com as estruturas vigentes.

A ENFF se organiza como uma espécie de *universidade popular*. A intenção dos cursos é a de capacitar pessoas para militar pelos interesses e direitos coletivos. É um marco da Educação Popular brasileira, pois pode ser considerada como a maior iniciativa já implantada pelos movimentos socioterritoriais para garantir sua autoformação. Tem como principal objetivo a formação de *consciência crítica* visando a construção de uma sociedade com igualdade social e sustentabilidade ambiental.

Ela está localizada no município de Guararema, SP. Foi construída em regime de mutirão com o trabalho voluntário de militantes de todo o país. Funciona em regime de

¹ “Para superar a compreensão do território como uno, singular, discutimos diferentes formas do território, como pluralidade. Temos *territórios materiais e imateriais*: os materiais são formados no espaço físico e os imateriais no espaço social a partir das relações sociais por meio de *pensamentos, conceitos, teorias e ideologias*. Territórios materiais e imateriais são indissociáveis, porque um não existe sem o outro e estão vinculados pela *intencionalidade*. A construção do território material é resultado de uma relação de poder que é sustentada pelo território imaterial como conhecimento, teoria e ou ideologia. [...]”. (FERNANDES, 2008, p. 8, grifo nosso).

² De acordo com Bernardo Mançano Fernandes, podemos nomear de movimentos socioterritoriais aqueles movimentos que tem o *território como trunfo* e, principalmente, quando o *território é essencial para a reprodução material e simbólica* dos sujeitos que estão lutando. Isso porque “[...] os movimentos socioterritoriais têm o território não só como trunfo, mas este é essencial para sua existência. [...]”. (FERNANDES, 2005, p. 21).

autogestão mantida por militantes de movimentos socioterritoriais e pela Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes.

A metodologia da pesquisa na ENFF foi desenvolvida a partir de observação-participante e entrevistas, por meio de um questionário semiestruturado, com os sujeitos responsáveis pela manutenção da *Estrutura Orgânica da ENFF*: coordenadores dos Setores: *Pedagógico, Produção, Administrativo e Finanças/Projetos*, da Brigada Permanente Apolônio de Carvalho e dos Núcleos de Base, lideranças de movimentos socioterritoriais, e militantes-estudantes da Escola no período de realização das duas pesquisas de campo: julho de 2010 e 2011³.

A Construção da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)

A ENFF está localizada no município de Guararema (**Figura 1**), a 70 quilômetros do município de São Paulo.

Figura 1: Localização de Guararema – SP.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SaoPaulo_Municip_Guararema.svg>⁴.

Com relação ao espaço físico, sua estrutura está erguida sobre um terreno de 120 mil m². Ao todo, são três salas de aula, que comportam juntas até 200 pessoas, um auditório, dois anfiteatros, uma biblioteca com 40 mil livros (obtidos por meio de doação), com espaço de leitura e ilha de edição. Além disso, a escola conta com quatro blocos de alojamento, refeitórios, lavanderia, estação de tratamento de esgotos e casas destinadas aos assessores

³ Dado o tempo entre o trabalho de campo e a publicação do artigo, consideramos que a pesquisa se torna um registro histórico da ENFF.

⁴ Acesso em: 05 jan. 2020.

e às famílias de trabalhadores que residem na escola. Dispõe, ainda, de horta e pocilga que produzem para consumo local, e árvores frutíferas espalhadas pelo terreno. Para o lazer, oferece um campo de futebol gramado e uma quadra multiuso coberta. Para garantir a possibilidade de participação de alunos e alunas que vão à Escola levando seus filhos foi construída a “Ciranda Infantil Saci Pererê (AAENFF, 2011). Em 2017, houve a inauguração do campo de futebol Dr. Sócrates, que contou com a presença de 1500 pessoas, entre elas estavam: Chico Buarque e Lula (MST, 2020). Podemos observar a estrutura da escola nas figuras: 2, 3 e 4:

Figura 2: Escola Nacional Florestan Fernandes.



Fonte: Autor (jul. 2010).

Figura 3: Refeitório da ENFF – Josué de Castro.



Fonte: Autor (jul. 2010).

Figura 4: Auditório da ENFF – Patativa do Assaré.



Fonte: Autor (jul. 2010).

Figura 5: Inauguração do campo de futebol Dr. Sócrates Brasileiro.



Fonte: Júlia Dolce apud MST (2020).

A ENFF foi construída em regime de mutirão, contou com o trabalho voluntário de militantes de todo o país, que se revezaram na construção da Escola (LEHER, 2012). De acordo com Gilberto Maringoni, esta foi “uma obra realizada por muitas mãos calejadas pelo cabo da enxada” (apud LEHER, 2012, p. 2). Foi construída entre os anos de 2000 e 2005, com o trabalho voluntário de, pelo menos, mil trabalhadores Sem Terra e simpatizantes. Foi inaugurada com um grande evento internacional em 23 de janeiro de 2005 (AAENFF, 2010).

O projeto arquitetônico da ENFF foi pensado pela arquiteta Lilian Avivia Lubochinskino. A intenção do projeto foi a de reduzir as agressões ao meio ambiente. A construção de todos os espaços foi feita com tijolo ecológico, pois, além de ser mais resistente, reduz a necessidade de ferro, cimento e aço e pode ser produzido na própria

escola. Outras características ambientais relevantes são as seguintes: os prédios da escola possuem painéis de captação da energia solar para o aquecimento da água e ocorre o tratamento de toda a água que é utilizada. A alimentação, em grande parte, advém da horta da escola cuja produção não utiliza agrotóxicos ou transgênicos (LIMA, 2012).

As primeiras discussões para a criação da ENFF ocorreram em 1996, quando o MST sentiu a necessidade de construir um espaço nacional para a formação dos militantes. Dois anos depois, em 1998, o Movimento começou uma campanha internacional para arrecadar fundos para iniciar a construção da Escola (LEAL, 2012). Os recursos para a sua construção foram obtidos, principalmente, por meio de três fontes principais: com a venda de *fotos de Sebastião Salgado* e do livro *Terra* - este livro possui fotos de Sebastião Salgado, texto de José Saramago e música de Chico Buarque - e mediante a *contribuição de entidades da classe trabalhadora* do Brasil, da América Latina e de várias partes do mundo. Com relação a sua manutenção, os recursos advêm de financiamentos de projetos nacionais e internacionais por organizações institucionais e privadas, além da colaboração individual voluntária (AAENFF, 2010).

O coordenador geral da ENFF, GG⁵, fala sobre o processo de construção da Escola. Para ele, este processo se deu de maneira pedagógica, pois participaram do processo, além dos militantes do Movimento, outras entidades de classe, amigos e intelectuais em escala internacional. Foi todo processo fruto de trabalho voluntário, exercitando na prática a cooperação e a solidariedade, onde os sujeitos participaram desde o projeto, a arrecadação de recursos e o trabalho manual de construção. Participaram do trabalho manual de construção cerca de 1200 trabalhadores oriundos de acampamentos e assentamentos organizados pelas brigadas de construção. Cada brigada representava um estado ou uma região do país, estes permaneciam 170 dias se dedicando ao trabalho de construção, depois desse período chegavam outras brigadas.

E o processo de construção, acho que foi muito rico também, bastante *pedagógico*, né, porque ele foi fruto do resultado, do esforço, de *trabalho voluntário*, do grande mutirão que se fez, um *trabalho solidário*, enfim, do grande mutirão que se fez internamente no Movimento e com outras *entidades de classe, amigos, intelectuais*, então ela se transformou num resultado de um grande esforço em *nível internacional*, se conseguiu se *arrecadar recursos pra* essa obra. Então, foi todo um processo em que se envolveu o *conjunto do Movimento*, passaram pela escola em torno de *1200 trabalhadores e trabalhadoras oriundas dos assentamentos e acampamentos*, que eram organizados no que nós chamávamos *brigada de construção*, se referindo aos... comunistas... trabalho voluntário de Cuba, aqui nós chamamos brigadas de construção, que permaneciam *cada brigada representando um Estado e uma região do país* em torno de dois meses, 170 dias, e dedicavam, voluntariamente, ao trabalho da construção. Fim desse

⁵ Minha trajetória no Movimento é relativamente curta, ingressei no movimento em 1997. [...]. Depois que ingressei no Movimento, atuei no setor de formação, frente de massa organizando acampamentos, a formação de base nos acampamentos do Rio Grande do Sul, [...], e desde agosto de 2004, na verdade, viemos *pra* Escola Nacional Florestan Fernandes se incorporando à Coordenação Político-Pedagógica. (GG, ENFF, jul. 2010).

período retornavam para seus Estados, acampamentos e assentamentos e outra brigada se incorporava (GG, ENFF, Jul. 2010).

De acordo com GG: “A Escola é mantida pelo trabalho dos militantes, dos educandos. Não temos funcionários para as tarefas de organização, limpeza e manutenção da estrutura física. O trabalho é um princípio educativo para nós: toda a autossustentação da Escola depende da atividade dos educandos” (apud LEAL, 2012, p. 1). E ainda, conta com a ajuda da *Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes*, formada por intelectuais, simpatizantes e militantes de movimentos sociais, o objetivo é de apoiá-la tanto do ponto de vista político quanto material (LEAL, 2012). De acordo com o seu estatuto social (2012), a AAENFF, foi fundada no dia 17 de dezembro de 2009, é uma associação de direito privado, sem fins econômicos, constituída por prazo indeterminado e um número ilimitado de associados. Sendo que um de seus objetivos é promover campanhas de solidariedade para ajudar a manter a Escola em funcionamento. Segundo o art. 2 do seu estatuto social, seus objetivos são os seguintes:

I – promover campanhas de solidariedade para a manutenção, realização de cursos, formação e outras atividades em prol da Escola Nacional Florestan Fernandes, em qualquer localidade do país; II – promover campanhas de solidariedade para angariar doações de livros, revistas, publicações em geral e material audiovisual para a Biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes; III – apoiar e incentivar o desenvolvimento de projetos de educação, educação infantil, escolarização de jovens e adultos, do povo do campo, das cidades, das comunidades indígenas e quilombolas; IV – apoiar e incentivar projetos com o objetivo de construir novas relações de gênero capazes de combater as discriminações de raça, cor, gênero, sexo e religião; V – desenvolver parcerias específicas com instituições e entidades que atuem na área da formação e educação; VI – viabilizar projetos que estimulem estudos acerca da tradição do pensamento crítico; VII – estimular intercâmbio de atividades de formação do Brasil, com América Latina e outros continentes; VIII – desenvolver estudos na área do desenvolvimento da agroecologia e meio ambiente.

Conforme aponta GG, a Associação representa muito mais do que ajuda financeira, é um espaço de articulação política entre intelectuais que defendem as ideias socialistas de transformação social. Em suas palavras:

A Associação deve ser um *espaço de articulação de intelectuais* que estão buscando um local de encontro para fazer suas reflexões, para encontrar a teoria com a prática transformadora da realidade. Ela tem o papel de ser um ponto de sustentação da nossa Escola no meio intelectual, de defesa das *ideias socialistas* e de um projeto de *transformação social* (apud LEAL, 2012, p. 2, grifo nosso).

De acordo com todo o processo descrito nas narrativas dos sujeitos que participaram/participam diretamente da construção da ENFF, sempre se tratou de um processo de produção de um território material/imaterial de maneira autônoma e emancipatória, tendo a classe subalterna como protagonista do processo.

A Estrutura Orgânica da ENFF: Setores, Núcleos de Base e Brigadas Permanentes

No que concerne à organização político-pedagógica da Escola, existe um coletivo que cumpre esta função de coordena-la e administra-la política e pedagogicamente. Este coletivo está vinculado ao Departamento Político de Formação que é uma instância que integra o Grupo de Estudos Agrários, membros da direção nacional e da Coordenação Político-Pedagógica (CPP). A tarefa desse coletivo é executar, por meio dos cursos e atividades da Escola, os objetivos de formação do Movimento, além de cuidar dos problemas administrativos. Como explica coordenador geral da ENFF, GG:

Eu faço parte, então, do coletivo de *Coordenação Político- Pedagógico (CPP)* da Escola. E qual que é a função do coletivo? É *coordenar, administrar político e pedagogicamente a Escola*. Esse coletivo se vincula ao que nós chamamos de *Departamento Político de Formação*, que é uma instância, um espaço em que articula representantes da direção nacional, do *Grupo de Estudos Agrários do MST* e mais a *CPP*. Então, nós estamos vinculados diretamente à direção nacional, e aí respondemos à instância da direção e da coordenação nacional. E nossa tarefa aqui interna, então, é traduzir no *plano da formação*, dos cursos, as linhas, as vias de estudos gerais, políticos e formativos *do Movimento*. Então, fazemos isso do ponto de vista pedagógico, do acúmulo do debate, da formação, dos cursos, enfim, e acompanhamos os cursos em geral, mais os cursos de formação divididos por núcleos, e acompanhamos, também, buscamos resolver os problemas, também, administrativos dentro da nossa escola, que não são poucos. Então, essa é a nossa função, *coordenar política e pedagogicamente e administrativamente a escola de formação* (ENFF, Jul. 2010).

O militante do MST, Er.⁶, que coordena o setor de produção da ENFF, e participa da brigada Apolônio de Carvalho, explica como funciona a organização pedagógica e administrativa da Escola, o que ele denominou de a *estrutura orgânica* da Escola. A Escola se organiza por meio de setores que são 04: *Pedagógico, Produção, Administrativo e Finanças/Projetos*. O setor pedagógico cuida do acompanhamento e planejamento dos cursos, mas também, da biblioteca, espaço de edição etc. Neste setor, tem a CPP que está subordinada ao setor de formação da direção nacional. O setor da produção cuida do cultivo de alimento e criação de animais dentro do espaço da Escola. O setor administrativo cuida da segurança, alojamento, manutenção, transporte etc. O setor de finanças/projetos busca por meio de projetos manter financeiramente a Escola.

Aqui, nós temos uma coordenação que se chama *Coordenação Político-Pedagógica* responsável pelos cursos da ENFF, e essa coordenação, obviamente, *tá* subordinada a direção nacional e uma direção política do *setor de formação do Movimento*. [...]. A CPP se preocupa com os cursos aí e com

⁶ Eu sou filho de assentado, moro em Franca já desde 90, e entrei no Movimento em 98, e a gente tem um lote de terra lá no assentamento "17 de abril" em Franca. [...] Saí em um período de acampamento ainda *pra* estudar no movimento no Rio Grande do Sul e, aí, concluí o curso de segundo grau e um curso técnico em administração de cooperativa. Depois daí, passei mais um tempo... quase uns cinco anos no movimento em Alagoas e retomei *pra* São Paulo. E depois de... agora em... 2009, a gente começou trabalhar aqui na Escola, com a coordenação do setor de Produção da Escola. (Er., ENFF, Jul. 2011).

o *planejamento e acompanhamento dos cursos*, toda parte política, de formação, e os setores tem essa tarefa de acompanhamento do andamento do dia a dia na escola [...]. Numa estrutura orgânica da escola também temos os setores, que aí nós temos quatro setores que atuam aqui na escola, que é o *setor de produção* que cuida mais dessa questão da produção, que ajuda na autossustentação da escola, que é a *produção de horta, hortaliças, produção de animais aí, lavoura e frutas, né, e pomar*. Lógico que, pelo fato de não ser uma área grande, que boa parte dos dez hectares e meia tá ocupada com construção, com mata ciliar, e sobra aí uma pequena parte *pra produção e o manejo de animais, né*. Outro setor que a gente tem é o *apoio administrativo* que cuida de toda parte de *segurança, alojamento, manutenção, transporte*. E outro é o *apoio pedagógico*, também, outro setor que é a questão de *assessorar os cursos aí, né*. Além da *biblioteca, os telecentros*, todas essas partes...a ilha de edição [...]. E, por último, o *setor de finanças e projetos*, onde que o Movimento procura manter através de alguns projetos o funcionamento da Escola, até porque os custos das diárias, só, não permitem manter esse funcionamento [...]. (ENFF, Jul. 2010).

Além dos setores, outra forma de organização são os *Núcleos de Base (NBs)* compostos pelos militantes que compõem as brigadas e os educandos dos cursos. A Brigada Permanente corresponde a um grupo de militantes que ficam permanentemente por um período de aproximadamente 02 anos auxiliando na organização da Escola, eles são em torno de 35 pessoas e são oriundos de todas as partes do Brasil. A Brigada Permanente que estava no período de nosso trabalho de campo (julho de 2010) era a Brigada Apolônio de Carvalho. Esta é uma metodologia trazida das experiências de organização dos acampamentos e assentamentos. Tem, também, as equipes compostas pelos sujeitos dos cursos, duas pessoas que estão realizando os cursos são nomeadas para compor cada equipe. As equipes são: *produção, estrutura, saúde, comunicação, memória, cultura, lazer e esporte*.

Além dos setores, temos os *Núcleos de Base* onde os militantes que compõem a *Brigada*, que passam por um período aqui [...] dois anos na Escola estão inseridos nos *núcleos de base*. Nós temos quatro *Núcleos de Base* na escola, isso é a mesma metodologia que é utilizada nos acampamentos e assentamentos, né [...]. Nós temos hoje em torno de umas 35 mais ou menos pessoas que compõem a brigada, com tarefas diversas, e essas pessoas são de várias regiões aqui do país né, do Sul ao Norte, né. Temos as *equipes* também dos cursos que *tá* inserido na estrutura orgânica da Escola, que são as equipes que cuidam para que haja um bom desenvolvimento. Nós temos uma *equipe de produção, equipe de estrutura, equipe de comunicação*, ou seja, cada curso que vem *pra cá* eles tiram uma pessoa ou duas a acompanhar essas equipes, né. *Equipe de saúde, equipe de comunicação, equipe de memória, equipe de cultura e lazer, esporte, lazer e cultura* [...] (Er., ENFF, Jul. 2010).

Nos cursos que são ministrados na Escola, os educandos têm que trabalhar por certo período, pois esta é a proposta pedagógica, todo trabalho da Escola deve ser voluntário, ou seja, não existem funcionários (com exceção da cozinheira que é contratada), mas apenas militantes que estão dando a sua contribuição trabalhando uma parcela de tempo. Nos cursos que funcionam por um período de mais de uma semana, seus educandos tem que contribuir com uma hora e meia pelo menos de trabalho semanal. Aos outros cursos de longa duração,

como, por exemplo, o Curso Especial de Graduação em Geografia (CEGeo)⁷, a regra é o trabalho de 6 horas semanais. Outra condição é que independente do tempo, todos tem que se dividir em Núcleos de Base e realizar as atividades diárias por grupo: limpeza do refeitório, das louças, dos banheiros, de todo o espaço da escola, colocar o café, almoço e janta etc. Esta organização confere a Escola um caráter de autossustentação.

Cada curso que ocorre aqui acima de uma semana praticamente, eles têm que trabalhar uma hora e meia, que é uma *parte pedagógica* também, além de formação, mas uma parte de também contribuir, até pelo fato de que a escola também foi construída por um *trabalho voluntário*, né. Então, o andamento... *nós aqui não somos empregados, nós somos militantes que estamos dando a nossa contribuição por um período*. Então, assim, é a mesma coisa dos estudantes que passam por aqui, os educandos, que a partir de uma semana que tão por aqui, *acima de uma semana, eles já começam a trabalhar*. [...] Se é um encontro não, né, se é um encontro de uma semana não tem condições, mas acima de uma semana já é cursos, assim, vamos dizer, e aí eles já têm que dar uma contribuição, um trabalho mais prático. Além dessa política, para todos mesmo que seja por uma semana ou não, tem as *tarefas domésticas*, né, que aí é de *limpeza do refeitório, limpeza das louças, colocar café, limpeza dos banheiros, limpeza de todo ambiente pedagógico da escola*, né, isso é de responsabilidade de todos que passam por aqui. Agora com relação ao trabalho mais prático, que aí se dá no setor de produção e no setor de apoio administrativo, se dá a partir desses cursos que tem uma duração maior, que aí são trabalhados *seis horas durante a semana*, né, ou seja, durante quatro dias na semana eles trabalham uma hora e meia por dia. Então, dá mais uma contribuição no sentido mesmo da autossustentação [...] (Er., ENFF, Jul. 2010).

Pudemos observar e participar desse processo que foi descrito pelo militante Er. e pelo coordenador GG em nossos trabalhos de campo em julho de 2010 e 2011, ou seja, no 8º e no 10º Tempo Escola do Curso Especial de Graduação. Seguimos as rotinas que são partes integrantes da Escola. Todos os dias o café da manhã vai das 07:00 as 7:30. Logo após as 07:30, é o horário da mística, todos os dias, menos aos domingos. Temos dois cafés da manhã: 07:00 e 10:00. E a tarde temos mais um intervalo para o café às 16:00. O Almoço é das 12:00 as 14:00 e a janta é as 19:00. Os estudantes que fazem parte do grupo que vai organizar a refeição, naquele dia saem da aula um pouco mais cedo.

⁷ O curso foi construído junto com os militantes dos movimentos socioterritoriais camponeses, estabelecendo-se uma relação entre universidade, movimentos sociais e Estado. Foi organizado a partir de uma parceria construída entre a Via Campesina – Brasil; a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF); a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Presidente Prudente; o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). A maioria dos estudantes era militante dos movimentos socioterritoriais camponeses ligados a Via Campesina: MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) e PJR (Pastoral da Juventude Rural), RACEFFAES (Rede de Amigos e Colaboradores das Escolas Família Agrícola do Espírito Santo) e, também, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo), EDUCAFRO (Educação e Cidadania de Afro-descendentes e Carentes) e o MCP (Movimento Consulta Popular). (CAMACHO, 2014).

Todos nós somos separados em grupos. Cada dia um grupo fica responsável pela mística. São os NB's, Núcleos de Base. São eleitos também representantes que participarão das equipes de organização das diversas atividades, como saúde, esporte, mística etc. A divisão em NB's serve também, para as atividades de limpeza e as refeições. Dessas NB's, grupo de 10 pessoas aproximadamente, são eleitos coordenadores, secretários, redatores etc. que discutirão os assuntos e organizarão as tarefas. Depois farão uma avaliação final de toda a conjuntura.

A divisão das tarefas é feita juntamente com os militantes que estiverem participando de outros cursos que estão ocorrendo na escola neste período. No período que estávamos lá (julho de 2010), estavam presentes os educandos do Curso de Formação Política Latino-Americano⁸, além dos militantes das brigadas que passam pela escola antes de se dirigirem ao seu destino. Neste período havia um grupo de militantes que ia para o Haiti ajudar no processo de reconstrução do país devastado pelo terremoto. Estes militantes aprendem um pouco da língua e discutem as formas de atuação em sua tarefa.

Passamos pela experiência de dividir a tarefa de descarregar um caminhão com a alimentação: milho, arroz, carne etc., juntamente com os monitores do CEGeo, os educandos do Curso de Formação Política Latino-Americano, e os militantes da brigada permanente Apolônio de Carvalho. Essa experiência demonstra a perspectiva da Escola de trabalho coletivo e de busca pela ruptura da dicotomia entre trabalho manual e intelectual.

Participamos do “dia de trabalho” em julho de 2010 com os estudantes do CEGeo. Neste dia, todos nós paramos as nossas atividades de rotina e nos dividimos em turmas, independentemente das NBs, para fazer os trabalhos necessários na Escola Nacional Florestan Fernandes. O dia de trabalho busca efetuar na prática uma relação de trabalho não-capitalista rompendo com a divisão manual e intelectual do trabalho. Sendo efetuados serviços como, manutenção, horta, pomar, piquete, plantação de mandioca, obras de construção etc. A turma se reúne e os grupos escolhem as atividades que vão querer realizar. Ficamos responsáveis pelo cuidado com o pomar. Tínhamos que carpir, colocar calcário e adubo na plantação de laranjas, mandioca etc. No dia 11 de julho de 2011 foi realizado, novamente, o “dia de trabalho” e participamos pela segunda vez. Dentre as tarefas estavam: a jardinagem, as limpezas das salas, banheiros, corredores, refeitórios etc., a limpeza das placas de energia solar, as atividades da horta, e os reparos de manutenção. Podemos visualizar algumas dessas atividades nas **figuras 6 e 7**.

⁸*Teoria Política Latino-americana*. Este curso em 2011 completou 05 anos e é considerado um dos mais importantes espaços de formação política crítica da América Latina. Com duração de 90 dias, o programa do curso também proporciona momentos de intercâmbio sobre as lutas sociais desenvolvidas nos diversos países (AAENFF, 2012).

Figura 6: O dia de trabalho no pomar da ENFF.



Fonte: Autor (jul. 2010).

Figura 7: Dia de trabalho (atividade da horta).



Fonte: Autor (jul. 2011).

É importante frisar que, apesar de a manutenção da Escola pelos próprios estudantes ser uma necessidade porque não se tem funcionários assalariados para esta função, não se trata de, somente, uma opção pragmática, mas sim, de uma decisão político-educativa, pois o trabalho também educa e a superação da dicotomia entre trabalho manual e intelectual é uma das perspectivas defendidas pelos movimentos socioterritoriais camponeses.

A Pedagogia Emancipatória do Movimento na ENFF: A Construção de uma Universidade Popular

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE, 1983).

[...] este processo de criação dos intelectuais é longo, difícil, cheio de contradições, de avanços e recuos, de debandadas e reagrupamentos; e, neste processo, a “fidelidade” da massa [...] é submetida a duras provas. [...] (GRAMSCI, 2006, p. 104).

A ENFF completa em 2020 completa 15 anos de funcionamento. A Escola se organiza como uma espécie de *universidade popular* coordenada pelo MST, mas a oferta de seus cursos não se limita aos militantes do MST, são destinados a vários movimentos socioterritoriais, principalmente, da América Latina e da África. As atividades e os cursos oferecidos pela escola objetivam promover a colaboração e a solidariedade por intermédio da socialização do conhecimento e do trabalho. A intenção dos cursos é de capacitar pessoas para militar pelos interesses e direitos coletivos (LIMA, 2012).

A formação construída na ENFF resulta do acúmulo de experiências práticas da organização dos trabalhadores do campo e da cidade objetivando a superação das injustiças sociais e a composição da solidariedade entre os povos. Suas atividades combinam prática e teoria – por meio da metodologia da Pedagogia da Alternância⁹ - buscando o enraizamento de uma consciência crítica e o alcance da autonomia da classe trabalhadora (ENFF, 2010). Neste sentido, a Escola

Tem como principal objetivo a *formação da consciência crítica* de acampados/as e assentados/as da reforma agrária, pequenos agricultores e trabalhadores/as urbanos, visando à cooperação e outras formas associativas, à prática sustentável da agroecologia, conservação e proteção do meio ambiente, à pesquisa e outros estudos (ENFF, 2010, p. 4, grifo nosso).

Pode ser considerada como “uma escola que são muitas escolas, cujos espaços físicos extrapolam seus limites geográficos, envolvendo ações educativas implementadas em todo o território nacional”. (ENFF, 2010, p. 4). De acordo com o educando do CEGeo e militante do MST, JCL, a ENFF pode ser pensada com a escola matriz de uma rede escolas e centros de formação que estão sendo coordenadas pelo Movimento em todo o país. Onde

⁹ Esta metodologia tem a intenção de interligar o trabalho, a cultura e a vida no campo com o conhecimento escolar. A alternância significa que se alternam os dias do trabalho familiar na propriedade do educando com os dias na escola. A intenção é criar uma relação entre teoria e prática em que os educandos não se desvinculem do modo de vida de origem. Assim, cumprem-se os objetivos estabelecidos pela Educação do Campo de não se separar: a Militância do Processo Ensino-Aprendizagem, o Conhecimento Popular do Conhecimento Técnico-Científico e a Teoria da Prática. (JEAN-CLAUDE GIMONET, 1999; NASCIMENTO, 2003; BEGNAMI, 2006; CAMACHO, 2014).

estão os militantes de todo o Brasil coordenando e cuidando da infraestrutura. Em suas palavras:

A gente compreende a Escola Florestan Fernandes, ela com mais de 30 unidades hoje no país, porque cada escola, cada centro de formação nosso nos estados é a Escola Florestan Fernandes. Daqui desse local, desse prédio, e a companheirada que coordena aqui, politicamente a formação, é uma equipe de vários estados que compõe a equipe pedagógica de pensamento, de linha, de método da Escola Florestan Fernandes (JCL, ENFF, Jul. 2010).

Tem uma missão histórica que é a de atender às necessidades da formação de militantes de movimentos sociais e organizações que lutam por um mundo mais justo (AAENFF, 2010). Neste sentido, o MST protagonizou as experiências mais originais de autoformação já criadas na América Latina. E se formos contabilizar todas as escolas em assentamentos e acampamentos que podem ter alguma influência do Movimento, são quase 2 mil escolas territorializadas pelo país.

O MST protagoniza uma das experiências mais originais e fecundas de autoformação e autopedagogia em curso no país e mesmo na América Latina. O trabalho do MST nas escolas possui hoje uma importante magnitude, interagindo com cerca de 1,8 mil escolas que estão situadas nas cercanias de seus assentamentos e acampamentos. O trabalho do Movimento com as escolas, muitas vezes, tenso e difícil, é atualmente uma das principais iniciativas de conversão das escolas em espaços públicos (LEHER, 2012, p. 1, grifo nosso).

De acordo com Erivan Hilário - diretor da ENFF - (apud LIMA, 2012), o objetivo da escola é *qualificar a luta dos movimentos sociais* a partir do conhecimento crítico. Os cursos oferecidos são ministrados por professores voluntários de várias universidades do país como a UNESP (Universidade Estadual de São Paulo), a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e a UFF (Universidade Federal Fluminense). As áreas do conhecimento mais trabalhadas nesses cursos são: Filosofia Política, Teoria do Conhecimento, Sociologia Rural, Economia Política da Agricultura, História Social do Brasil, Conjuntura Internacional, Administração e Gestão Social, Educação do Campo e Estudos Latino-Americanos.

Existem 05 diferentes núcleos de estudo na ENFF. O primeiro é o núcleo de *cursos formais de graduação e mestrado*. Neste núcleo existem convênios com 42 universidades brasileiras e os cursos tem reconhecimento pelo MEC, são realizados, em sua maioria, no *campus* das universidades, mas são ministradas em conjunto com a ENFF. E, alguns deles, como o CEGeo, é ministrado parcialmente na Escola. O segundo é o núcleo de *estudos latino-americanos*, que promove o debate teórico-político sobre o continente, contando com um *curso de teoria política da América Latina* com jovens militantes de vários países e um curso de pós-graduação ministrado em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O terceiro núcleo é o de *teoria política* com um currículo geral de áreas das ciências humanas relevantes sendo direcionado aos militantes dos movimentos sociais. O quarto e quinto núcleo

são mais direcionados aos sujeitos urbanos, um núcleo dedicado ao *sindicalismo operário* e outro aos *jovens urbanos* (LEAL, 2012; CAMACHO, 2014).

Os cursos realizados na ENFF e o Curso Especial de Graduação em Geografia - que criou um convênio para realizar as aulas do Tempo Escola na ENFF em julho de cada ano letivo – são experiências que podem ser consideradas como situações de formação de quadros de futuros intelectuais orgânicos do Movimento. Outros exemplos podem ser citados, além do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da UNESP: Filosofia na UFRJ, Agronomia na UFC, Realidade Brasileira na UFF, Pedagogia na UFMG etc.

Assim, o Movimento vem criando situações de formação de seus quadros nacionais e intermediários – e, por conseguinte, dos futuros *intelectuais orgânicos do Movimento* – de modo mais sistemático e profundo. Iniciativas diversas vêm sendo encaminhadas nesse sentido como cursos de formação filosófica (em articulação com a UFRJ) e sobre a realidade brasileira (UFF) ou, ainda, cursos de agronomia para jovens provenientes do Movimento (UFC). [...] (LEHER, 2012, p. 1, grifo nosso).

Os convênios do MST com as universidades públicas, e o diálogo que estes convênios propiciam com ENFF, são propulsoras da criação de novos saberes (diálogo de saberes¹⁰) e da transformação da universidade pública, pois significam a contraposição ao processo de mercantilização da produção do conhecimento no atual período histórico onde impera a ideologia dominante neoliberal. As universidades públicas que tenham a intenção de construir um conhecimento libertador devem fazer alianças com estes sujeitos que lutam pelos mesmos objetivos. As entidades que representam os professores universitários e suas áreas específicas do conhecimento devem demonstrar seu apoio a estas experiências de caráter revolucionário.

Igualmente, os setores engajados na criação do pensamento original nas universidades devem assumir a ENFF como uma tarefa pública e de mão dupla, mais claramente, os saberes produzidos na universidade são fundamentais para converter a Escola em um centro pulsante de produção de conhecimento – os *diversos convênios do MST com universidades públicas atestam isso, mas, ao mesmo tempo, os diálogos na Escola criarão saberes e uma episteme que podem fortalecer e dar sentido ao fazer acadêmico renovado nas universidades públicas*. Frente à avassaladora conversão da produção de conhecimento em uma atividade mercantilizada, em que o grosso do financiamento a Ciência & Tecnologia provém de mediações com o capital, é preciso que *a universidade que se quer pública promova alianças duradouras com os sujeitos sociais que também estão buscando construir saberes transformadores*. Sindicatos como o Andes-SN devem mobilizar a sua base para que o engajamento na Escola seja efetivo desde o presente e o mesmo terá de ser feito pelas entidades que organizam

¹⁰ Um dos pilares defendidos pela Educação do Campo, influência teórico-metodológica da Pedagogia Freireana, é o “Diálogo de Saberes”, que é uma perspectiva que reconhece o conhecimento dos sujeitos do campo - saber popular -, articulando-o/questionando-o com o conhecimento mais sistematizado – técnico-científico - produzindo novas sínteses. O conhecimento popular e o conhecimento científico não são concebidos como antagônicos, mas articulados e complementares. Os camponeses e seus movimentos socioterritoriais sempre produziram, na prática, os seus conhecimentos. Esses conhecimentos produzidos pela prática não podem ser desprezados pelo saber acadêmico-científico. Os saberes da tradição e os saberes científicos podem conviver e se completarem mutuamente (FREIRE, MENEZES NETO, 2009; TONA; GUHUR; TARDIN, 2010; CAMACHO, 2014, 2017, 2018).

os campos de saber, como Anped (Educação), Abepss (Serviço Social), AGB (geografia), FEAB/CREA (agronomia), Confecon (Economia) etc. (LEHER, 2012, p. 4, grifo nosso).

As intensificações da preocupação com a formação na atualidade por parte dos movimentos socioterritoriais demonstram a importância que tem as *disputas dos territórios imateriais* – as disputas das ideias - entre as classes subalternas e o capital. Produzir e defender ideias são imprescindíveis para orientar uma ação política de ruptura com as estruturas vigentes. Como afirma Roberto Leher: “[...] para que existam movimentos massivos que se insubordinam à barbárie neoliberal, é preciso empreender a “*batalha das ideias*”: é preciso produzir ideias que orientam e possibilitam a ação política para promover a ruptura com o neoliberalismo. (2007, p. 27, grifo nosso).

Os movimentos socioterritoriais tem que se mobilizar para resistir aos ataques dos donos do capital, pois as classes dominantes não aceitam a ideia de que os trabalhadores se tornem sujeitos conscientes de sua própria história (AAENFF, 2010). Nesta disputa de territórios imateriais, as classes dominantes, principalmente, os ruralistas do agronegócio se colocam contra a possibilidade de os movimentos serem protagonistas do seu próprio processo educativo, formando seus dirigentes e criando *metodologias pedagógicas próprias*. Logo, nesta disputa, a ENFF é a conquista de um território contra-hegemônico importante por parte dos movimentos sociais.

Se o trabalho nas escolas dos assentamentos já provocou a ira dos setores dominantes, mais intolerância causa a inauguração do que será o *principal centro de formação do MST*: a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Para os setores dominantes, em especial os ligados ao agronegócio e às corporações, é inaceitável que o Movimento tome em suas mãos a educação e a *formação de seus dirigentes*, com critérios pedagógicos próprios (LEHER, 2012, p. 1, grifo nosso).

Este processo é o que denominamos de *Pedagogia do Movimento*. É na perspectiva da valorização da práxis dos sujeitos que é pensada esta matriz pedagógica. A Pedagogia do Movimento pode ser entendida como uma *pedagogia da luta social*, por isso, da *práxis*. A ação coletiva dos movimentos sociais engendra um processo de aprendizagem também coletivo. Durante a vivência de luta dos sujeitos dos movimentos sociais se tem a constituição de um sujeito coletivo. As experiências configuram em processos de formação humana, por meio de uma Educação Popular não-formal construída pelos movimentos sociais. A ênfase dessas experiências educativas está na formação política, na cidadania e na solidariedade (BATISTA, 2007; CAMACHO, 2018). De acordo com Roseli Caldart: “A Pedagogia do Movimento afirma os movimentos sociais como um lugar, ou um modo específico, de formação de sujeitos sociais coletivos que pode ser compreendida como um processo intensivo e historicamente determinado de formação humana [...]”. (2012, p. 546).

A ENFF é um marco da Educação Popular brasileira, pois pode ser considerada como a maior iniciativa já implantada por um movimento social para garantir sua autoformação (LEHER, 2012). A consolidação da Educação Popular dos movimentos sociais camponeses tem como um de seus maiores exemplos territorializados na experiência da Escola Nacional Florestan Fernandes. Em outras palavras: “[...] no Brasil, o primeiro germe da universidade popular foi edificado pelo MST: a Escola Nacional Florestan Fernandes”. (LEHER, 2007, p. 27).

De acordo com o educando-militante do CEGeo, Gtb, participar da formação política na ENFF pode ser considerado como o sonho de todo militante da América Latina. Ela é um centro de formação internacional de quadros políticos. Por exemplo, as principais lideranças hoje de um dos maiores movimentos sociais da Argentina, a Frente Popular Darío Santillán, receberam formação na ENFF. Então, ela representa a união da América Latina também, possibilitando o diálogo, o conflito e a troca de experiências advindas da convivência com a diversidade de culturas e estratégias de luta na América Latina. Neste diálogo, reúnem-se forças para lutarem contra um inimigo em comum, o sistema capitalista, que desterritorializa camponeses e indígenas na América Latina inteira.

[...] a Escola Florestan Fernandes é o sonho de todo militante na América Latina inteira. Não sei no mundo, que eu não conheço o mundo, né, mas o pouco da América Latina que eu conheço, é o sonho da militância vim pra poder beber um pouco dessa fonte de rebeldia, de mística, de formação política, de formação humana que tem essa escola. Tanto na sua cadeia pedagógica, né, na sua estrutura pedagógica de formação, quanto no seu espaço físico, né, no próprio espaço físico te proporciona uma mística, né, que é interessante. A Escola Florestan Fernandes é um centro de formação internacional latino americano e também mundial que hoje prepara os quadros políticos tanto nacionais quanto internacionais. [...]. A Escola Nacional Florestan Fernandes é uma experiência também de união, né, da América Latina. [...] Bom, e na Florestan você convive com a diversidade que tem o Brasil e com a diversidade que tem a América Latina [...]. E a gente troca experiência, troca diálogo, e você vê aí que todos somos iguais, o mito, a divisão territorial que foi feita na América Latina entre países, né, principalmente o Brasil, que é totalmente isolado do resto da América Latina, você vê aí que esse mito é uma piada, né. Somos irmãos, vizinhos, e somos seres humanos totalmente iguais nos sentimentos, na vontade de transformar o inimigo em comum que temos, que é esse sistema capitalista que vem influenciar na nossa cultura, desorganiza os nossos territórios, vem acabar com a nossa população indígena. Então, eu vejo que a escola Florestan Fernandes é uma experiência de formação e é uma escola que tem na formação política uma perspectiva futura de escola para a nossa América Latina (UNESP, Jan. 2011).

O educando-militante, JV, da coordenação nacional do MST, diz que a ENFF é uma das principais trincheiras dos movimentos sociais camponeses do Brasil e da América Latina, todavia, ela ultrapassa as fronteiras da classe camponesa e do território da América Latina, sendo uma referência de luta da classe trabalhadora em escala mundial. Todos militantes que passam pelo Brasil para conhecer a luta dos movimentos sociais, querem conhecer a Escola.

E, por outro lado, os militantes do MST que viajam para o exterior, levam o nome da Escola. Hoje, a discussão da Escola tem chamado mais atenção do que a própria ocupação de terra. Os militantes e intelectuais preferem conhecer a Escola a um acampamento ou assentamento do Movimento. A ENFF recuperou a tradição de formação de quadros políticos de esquerda e ainda o faz em escala internacional, ou seja, tem cumprido um papel que marca os objetivos históricos das organizações da classe trabalhadora: internacionalizar a luta.

[...] É importante, sem dúvida nenhuma, uma das principais conquistas que nós tivemos, que os trabalhadores tiveram, que ela extrapola, *a escola extrapola o MST*, é muito maior e ela tem ganhado uma importância e tornou-se uma *referência internacional*. Quem vem de qualquer ponto do planeta, que vem para o Brasil aí para conhecer a experiência da luta dos trabalhadores, passa pela escola. Aí, são ativistas, são intelectuais, todos, é um ponto, uma parada obrigatória vim conhecer a escola. E dos que vieram, eu não conheço a história de um que saísse decepcionado, frustrado, mas os comentários, né, que a gente ouve, né, de pessoas de vários lugares, sai impressionado do que era a escola. E *pra quem viaja pra fora, né, como nós, tem uma política de intercâmbio, de viagem internacional, leva...* Não tem palestra, discussão, debate que você vai, em qualquer lugar, que a escola passa despercebida, então, *quando fala da Escola Nacional Florestan Fernandes ela acaba sendo o centro do debate*. Assim como era ocupação, o pessoal dizia como *era ocupação de terra o tema principal de discussão, hoje é a Escola*. *Quem vinha antigamente queria conhecer um acampamento, um assentamento, hoje quer conhecer a escola*. Quando a gente vai *pra fora* hoje, as pessoas querem saber é da Florestan Fernandes, da Escola, então, ela tornou-se essa referência internacional, importante, e hoje ela cumpre um papel fundamental, estratégico na retomada da *tradição da formação de quadros para a esquerda*, só que com a diferença que hoje é em escala internacional. [...] A Escola, tem sido muito importante *pra gente manter... preparar os quadros, internacionalizar a luta*. *Ela é um ponto de referência, de aglutinação de pessoas e de ideias*, acho que isso é importante (JV, ENFF, Jul. 2010).

Para o estudante-militante do CEGeo, Lcs, a ENFF é um local de troca de conhecimentos/conteúdos/experiências entre militantes de todo o mundo.

Então, eu acho que a Escola Nacional ela me trouxe elementos, também conteúdos, *experiências de vidas que eu vou carregar pro resto da minha vida*, enquanto eu tiver vivo eu sempre vou levar isso como experiência, porque aqui *pra mim* foi onde eu tive oportunidades de conhecer pessoas praticamente do mundo todo, né, da América, eu conheci gente de todos os países da América, nesses cinco anos de curso conheci gente da América todinha, da Venezuela, do Equador, da Bolívia, do Chile também conheci, do Paraguai, de Cuba, então, de vários países aqui da América, dos Estados Unidos. [...] (ENFF, Jul. 2011).

Emitindo sua opinião acerca da importância da ENFF, o coordenador geral, GG, diz que considera a mesma como uma das experiências mais significativas da classe trabalhadora construída no atual período histórico. Este espaço propicia a formação, a organização, a articulação e a unidade da luta da classe trabalhadora. Permite a resistência ao pensamento dominante e a institucionalidade burguesa.

Eu acho que é, talvez, uma das experiências que a classe trabalhadora mais...uma das coisas mais significativas que a classe trabalhadora, o próprio MST, construiu no último momento histórico, no último período da história

recente da luta de classes no Brasil. Eu acho que não há nenhuma outra experiência quanto assim tão significativa quanto a construção desse espaço e o *significado que esse espaço tem pra formação, pra organização, pra articulação, pra unidade da luta da classe trabalhadora*, sobretudo, aquela que ainda resiste ao desejo e ao convite do pensamento dominante hoje, que é estar dentro dos espaços da institucionalidade burguesa e ali reivindicar seus reclames. A escola acho que vai numa outra direção (ENFF, Jul. 2011).

Dessa maneira, a ENFF é a forma como os movimentos socioterritoriais camponeses encontraram para construir um processo educativo emancipatório em um território próprio, sendo protagonistas de todo o processo desde a construção ao seu funcionamento e manutenção.

O encerramento do Curso Especial de Graduação em Geografia (CEGeo) na ENFF

O CEGeo foi organizado a partir de uma parceria construída entre a Via Campesina – Brasil; a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF); a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp) – Campus de Presidente Prudente; o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera).

A turma nomeada pelos educandos-camponeses de Milton Santos, contava inicialmente, em 2006, com 60 estudantes, dos quais 46 se formaram bacharéis e licenciados em geografia no ano de 2011, todos representando movimentos sociais, principalmente, movimentos camponeses. Ligados a Via Campesina – Brasil, tínhamos: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e a Pastoral da Juventude Rural (PJR). Também, havia representantes dos movimentos sociais: Rede de Amigos e Colaboradores das Escolas Família Agrícola do Espírito Santo (Racefaes), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo (MTST), Educação e Cidadania de Afro-descendentes e Carentes (Educafro) e o Movimento Consulta Popular (MCP).

Esse curso teve como metodologia a Pedagogia da Alternância, ou seja, alternava entre os territórios educativos (ANTUNES-ROCHA; MARTINS, 2012) do Tempo Escola (TE) ou Tempo Universidade (TU) com o Tempo Comunidade (TC). Sendo que os TEs/TUs ocorriam em janeiro e fevereiro na Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Presidente Prudente (SP) e em julho e agosto na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) em Guararema (SP).

No dia 28 de julho de 2011, ocorreu a cerimônia de encerramento do curso de Geografia na ENFF (como podemos visualizar na **Figura 8**). Todos reunidos ouvimos alguns representantes da Escola e do CEGeo falando sobre a importância do curso. Entre eles, o vice-coordenador do curso o Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes e o representante discente da Coordenação Política-Pedagógica (CPP), Dw. Os dois contaram de maneira sucinta um pouco sobre a história do curso, desde a discussão para a sua implantação até a sua última etapa na ENFF. Expressaram os conflitos e as dificuldades que permearam este processo. Agradeceram a todos que fizeram parte do processo: professores, monitores, secretaria, coordenadores, funcionários etc.

Na verdade o nosso curso ele tem vários momentos importantes, digamos no primeiro momento de construção e negociação desse curso, nós tivemos em segundo momento de trabalho que foi muito importante, que foi uma batalha *pra* gente garantir que a gente mantivesse a turma da Via Campesina e tivemos também dificuldades *pra* poder ser reconhecido e teria essa responsabilidade como Via Campesina, em ajudar a construir e conduzir o curso. Depois tivemos também essa responsabilidade de educandos na parceria, A UNESP, a Escola Florestan Fernandes e também o PRONERA de conduzir esse curso até o final. Muitas dificuldades, às vezes, mas com muita vontade e muita dedicação (Dw, ENFF, Jul. 2011).

Figura 8: Cerimônia de encerramento



Fonte: Autor (jul. 2011).

Em seu discurso, Dw, refletiu acerca da importância de formarmos militantes-geógrafos. E a importância que tem o curso de Geografia para este processo. Fazendo a ressalva de que este foi o único curso do PRONERA que teve Tempo Escola na Escola Nacional Florestan Fernandes.

[...] para os movimentos sociais, *pra* Via Campesina e para os trabalhadores foi uma grande conquista, a realização do curso e a nossa participação Via Campesina do curso. Então, tenho certeza desse compromisso cumprido, né, essa disposição de *apropriar, de mais essa arma na luta dos trabalhadores*

*que é uma oportunidade de ter acesso ao conhecimento, de fazer com que, de fato, os trabalhadores tenham a oportunidade de sentar numa cadeira de uma faculdade, de cursar um curso de nível superior. Seremos companheiros da UNESP na luta, na batalha com a classe trabalhadora, mas mais que estudantes teremos mais essa ferramenta do conhecimento enquanto militante jovem, pra que a gente possa dispor disso, aonde tiver e como for, no acampamento, no assentamento, na escola, conduzindo os movimentos sociais, as batalhas mais difíceis, colocar á disposição esse conhecimento que nós tivemos a oportunidade de ter acesso. Sem dúvida nenhuma nós temos essa certeza de que cada um em cada lugar vai estar disposto a *ajudar construir a luta de classe* [...] (DW, ENFF, Jul. 2011).*

Para finalizar a cerimônia foi entregue um certificado que tem um caráter simbólico, pois não tem valor institucional, mas é uma forma da ENFF entregar uma amostra da participação de mais uma turma na Escola. No final da cerimônia foi entregue uma placa de agradecimento que ficará na parede da ENFF, em nome da turma Milton Santos e da Via Campesina. Vejamos a placa na **Figura 9**:

Figura 9: Placa de homenagem a ENFF afixada pela turma de Geografia da Via Campesina.



Fonte: Autor (jul. 2011).

O encerramento simbólico do Curso na ENFF demonstrou a ligação direta que este tinha com os movimentos socioterritoriais camponeses, que puderam organizar esta celebração em seu próprio território.

Considerações Finais

Dessa forma, a ENFF pode ser considerada como o ápice da relação entre os movimentos socioterritoriais e a universidade, tendo em vista que neste território é possível de se realizar, em conjunto com os cursos de educação formal, todas as atividades que são

propostas pelos movimentos sociais e que perpassam a sua concepção de educação e de militância: as místicas; a não separação entre trabalho manual/intelectual; a organização das tarefas de alimentação, infraestrutura, limpeza etc. Também, a lógica de organicidade do Movimento baseada em núcleos de base; a prática agroecológica e da soberania alimentar; a solidariedade entre os povos; a internacionalização da luta etc.

Podemos afirmar que a ENFF auxilia como instrumento de resistência da territorialidade não-capitalista camponesa. Sua organicidade permite que visualizemos quatro características principais: a primeira é o protagonismo dos movimentos socioterritoriais na elaboração de uma pedagogia que visa a construção de uma nova forma de desenvolvimento com igualdade social e sustentabilidade ambiental; a segunda é a produção de conhecimentos pelos próprios movimentos camponeses, estabelecendo o diálogo de saberes populares com os conhecimentos técnico-científicos da universidade; o terceiro é o entendimento da educação dos movimentos socioterritoriais como instrumento de resistência política-cultural-territorial camponesa e operária; e o quarto é a Pedagogia do Movimento influenciando os espaços de construção do conhecimento e autoconstituindo-se no processo.

Nesse processo, a ENFF está conseguindo alcançar o objetivo historicamente buscado por todos movimentos formais e não-formais que construíram processos educativos emancipatórios, qual seja, a superação das seguintes dicotomias estabelecidas na produção do conhecimento científico: Militância versus Formação Intelectual; Conhecimento Popular versus Conhecimento Técnico-Científico; Trabalho Manual versus Trabalho Intelectual; Teoria versus Prática e Ação versus Reflexão.

A escola é engendrada e, dialeticamente, tem produzido, a práxis da formação humana. Os movimentos socioterritoriais vão transformando a realidade e, dialeticamente, autotransformando-se em sujeitos sociais: Sem Terra, classe camponesa, mas, sobretudo, como ser humano, ao mesmo tempo em que os movimentos camponeses se transformam em sujeitos educativos.

Referências

AAENFF. Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes. **A Escola Nacional Florestan Fernandes precisa de você!** Disponível em: <<http://amigosenff.org.br>>. Acesso em: 02 out. 2010.

AAENFF. Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes. **Boletim AAENFF**, n. 01, jul. 2012.

AAENFF. Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes. **Estatuto Social da Associação dos Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes**. Disponível em: <<http://amigosenff.org.br/site/node/6>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida. “Tempo Escola e Tempo Comunidade: territórios educativos na Educação do Campo”, in: ANUNES-ROCHA,

Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Territórios Educativos na Educação do Campo**: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 21-36. (Caminhos da Educação do Campo, 5).

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Movimentos sociais e educação popular do campo (Re) constituindo Território e a Identidade Camponesa. In: JEZINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. (Orgs.). **Educação e movimentos sociais**: novos olhares. Campinas: Alínea, 2007. p. 169-190.

BEGNAMI, João Batista. Pedagogia da Alternância como Sistema Educativo. **Revista da Formação por Alternância**, Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, ano 01, v. 01, n. 02, p. 24-47, jul. 2006.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. Movimentos Sociais por uma sociabilidade alternativa: enfrentamentos e apostas. In: JEZINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. (Orgs.). **Educação e movimentos sociais**: novos olhares. Campinas: Alínea, 2007. p. 93-121.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257-267.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Paradigmas em disputa na educação do campo**. 2014. 806 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/14/dr/rodrigo_camacho.pdf>.

CAMACHO, Rodrigo Simão. A educação do campo em disputa: resistência versus subalternidade ao capital. **Revista Educação e Sociedade** (Impresso), jul. 2017, vol.38, n.140, p.649-670, 2017.

CAMACHO, Rodrigo Simão. A relação dos movimentos socioterritoriais camponeses com a universidade por meio do PRONERA: diálogos e tensionamentos. **Revista NERA** (UNESP), ano 20, n. 39, p.186 - 210, 2017.

CAMACHO, Rodrigo Simão. Os movimentos socioterritoriais camponeses como sujeitos coletivos educativos: trajetórias dos camponeses-militantes no PRONERA/CEGEO In: COLELHO, Fabiano; CAMACHO, Rodrigo Simão. **O campo no Brasil contemporâneo**: do governo FHC aos governos Petistas (Protagonistas da/na Luta pela Terra/Território e das Políticas Públicas – Vol. II). Curitiba: CRV, 2018. v.2, p. 301-340.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. In: PAULINO, Eliane T.; FABRINI, João E. (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente: Unesp, ano 8, n. 6, p. 14 – 34, jan./jun. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIMONET, Jean-Claude. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de educação e de orientação. In: União Nacional das Escolas Agrícolas do Brasil. **Pedagogia da alternância**: alternância e desenvolvimento. Salvador: UNEFABE, 1999. p. 39-49.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de cárcere**. Tradução: Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. V. 1.

LEAL, Leila. **Escola Nacional Florestan Fernandes**: criação da Associação dos Amigos da ENFF marca os cinco anos da experiência de formação dos movimentos sociais. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/pdf%20poli%20separados/formacaoPolitica.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

LEHER, Roberto. Educação popular como estratégia política. In: JEZINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. (Orgs.). **Educação e movimentos sociais**: novos olhares. Campinas: Alínea, 2007. p. 19-32.

LEHER, Roberto. **Escola Nacional Florestan Fernandes**: um grande acontecimento para a educação e para as lutas sociais no Brasil. Disponível em:<http://cabiouel.files.wordpress.com/2010/04/leher_escolaflorestan.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2012.

LIMA, Yahell Luci. **Escola Nacional Florestan Fernandes promove a socialização do conhecimento**. Disponível em: <<http://cmais.com.br/educacao/n-a-5>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

MENEZES NETO, Antonio Júlio de. Formação de Professores para a Educação do campo: projetos sociais em disputa. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Izabel; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Educação do Campo**: desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 25-37.

MST. **MST inaugura campo de futebol com homenagem a Sócrates Brasileiro**. Disponível em: <<https://mst.org.br/2017/12/23/mst-inaugura-campo-de-futebol-com-homenagem-a-socrates-brasileiro/>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Pedagogia da resistência cultural: um pensar a educação a partir da realidade camponesa. In: ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 8, 2003, Goiás. [Trabalhos apresentados], [S.L: s.n.], p. 1-11. Digitado.

TONA, Nilciney; GUHUR, Dominique; TARDIN, José Maria. O Diálogo de Saberes no Encontro de Culturas: a promoção da agroecologia na base dos movimentos sociais populares. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa II**: questões para reflexão. Brasília – DF: MDA/MEC, 2010. p. 175-179. (Série NEAD Debate, 20).

Sobre o autor

Rodrigo Simão Camacho – Graduação e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus de Presidente Prudente. Pós-Doutorado em Geografia pela UFMS. Atualmente é Professor no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUC) e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e nos Programas de Pós-Graduação em Geografia na UFGD e na UFMS (campus de Três Lagoas). É coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPq: Geografia, Educação do Campo e Questão Agrária (GeoEduQA) e membro da Rede DATALUTA. **Orcid** – <https://orcid.org/0000-0002-3826-6248>.

Como citar este artigo

CAMACHO, Rodrigo Simão. A Escola Nacional Florestan Fernandes: território de resistência imaterial dos movimentos socioterritoriais. **Revista NERA**, v. 24, n. 57, p. 185-209, Dossiê I ELAMSS, 2021.

Recebido para publicação em 01 de fevereiro de 2020.
Devolvido para a revisão em 07 de agosto de 2020.
Aceito para a publicação em 19 de agosto de 2020.
